

WASHINGTON, O AMIGO

WASHINGTON, THE FRIEND

EROS ROBERTO GRAU*

Não escreverei um artigo ou ensaio de Direito Econômico para ser publicado em homenagem ao *Professor Washington* --- como sempre o chamei. Relações de afeto e fraternidade não são para serem celebradas formalmente. Partem dele e gravitam em torno do coração, essencialmente. O cérebro é, então, mero coadjuvante da amizade. Assim que o conheci pessoalmente, no dia 20 de maio de 1974 --- no hall do hotel que existia em frente à Faculdade, na Álvares Cabral, a ele apresentado pelo Professor Orlando de Carvalho ---, desde aquele momento o ser humano prevaleceu.

Washington foi o *pai do Direito Econômico brasileiro*. Em um texto antigo¹, em que procurei indicar alguns traços da sua história entre nós, menciono um artigo de 1957, de Washington --- *Direito Econômico; do “Econômico” como conteúdo do Direito*² ---, que consubstanciaria a sua certidão de nascimento. Hoje estou certo de que essa certidão foi lavrada em sua tese de 1949, Ensaio de conceituação jurídica do preço³, dois anos depois reafirmada no Apontamentos de Economia Política aplicada ao Direito⁴.

* Professor Titular aposentado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Foi ministro do Supremo Tribunal Federal.

1 Planejamento econômico e regra jurídica, Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 1978, págs. 209/214.

2 In *Jurisprudência Mineira*, 1957, vol. 1, págs. 213/225; vol. 2, págs. 153/166.

3 Edição da Imprensa Oficial, Belo Horizonte, em 1949.

4 Dois volumes editados pelo Centro de Estudos Econômicos de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1951 e 1954.

Mas não desejo, aqui e agora, dizer do professor. Em outros textos escritos logo após a sua partida dele tratei --- o professor --- e da invenção do Direito Econômico entre nós. Também da coerência política que jamais lhe faltou, defendendo --- sob o entusiasmo que caracterizava a afirmação de suas convicções --- a criação da Petrobrás e liderando, em Minas, a campanha do *O Petróleo é nosso*. Nem do exílio, na França, após o golpe de 1964, desejo cogitar nestas linhas que componho para a Revista da Faculdade de Direito da UFMG. Aqui, e agora, desejo lembrar o Amigo, apenas. Pois lembra-lo é mais do que tudo.

Aprendi, com o passar do tempo, a fazer tudo com mais pressa, serenamente. Por isso não resisto à tentação de relatar alguns episódios da nossa convivência.

Em 1972 o professor Antonio Ignácio Angarita Ferreira da Silva convidou-me a dar aulas na disciplina de Direito Econômico, que criara na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Angarita havia sido aluno de Washington na UFMG. Em maio de 1974 fui a Belo Horizonte fazer uma conferência sobre regiões metropolitanas, a convite do Professor Orlando de Carvalho, a quem disse, ao chegar, que tinha imensa vontade de conhecer o Professor Washington. O hotel --- já o mencionei, linhas acima --- era em frente à Faculdade. Pois se deu que em poucos minutos Washington veio ao meu encontro. Simples, generoso, desde o primeiro momento amigo. Pela sua mão conhecemos Minas, minha mulher e eu. Nossa existência em Tiradentes é devida a ele.

Três anos depois, maio de 1977, aconteceu no Caraça o I Seminário de Professores de Direito Econômico, invenção de Washington. Lá assinamos, no dia 21, a Carta do Caraça⁵,

5 A Carta do Caraça foi assinada por Afonso Insuela Pereira, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Ferraz Augusto, Antonio Ignácio Angarita Ferreira da Silva, Eros Roberto Grau, Esteban Cottely, Fábio Nusdeo, Geraldo Vidigal, José Alfredo de Oliveira Baracho, Mauricio Lourenço da Costa, Modesto Carvalhosa e Washington Peluso Albino de Souza.

um momento marcante para o Direito Econômico, hoje caído no esquecimento. Alguns meses depois ensaiamos, sempre por iniciativa do Washington, a criação de uma Associação Latino-Americana de Direito Econômico, cuja sede seria Tiradentes. Não deu certo, mas valeu a pena, por conta das reuniões e conversas que o projeto proporcionou.

Além de ensinar-me o Direito Econômico, a mim e a Tania Washington ensinou o barroco mineiro⁶. Não recordo a data precisa, mas terá sido no final dos anos setenta. Levamos Tania a conhecer o Colégio do Caraça, então ainda não recuperado, quase em ruínas após o incêndio de maio de 1968. Fomos os três à serra do Caraça. Washington era amigo dos padres, passamos dois dias caminhando sobre os passos do Irmão Lourenço de Nossa Senhora, o Távora fugido do Marques de Pombal. As acomodações eram simplesmente precárias. Havia fios elétricos tocando-se, perigosamente, no teto do quarto em que Tania e eu fomos alojados. A comida, inesquecível: “salada de mato”, “sopa de mato” --- como explicava um deles --- um pão intragável e um conhaque imbebível, tudo produzido pelos padres. No caminho visitamos, em Santa Bárbara, a Matriz de Santo Antonio com o teto pintado pelo Mestre Ataíde.

Tempo bom.

Encontramo-nos inúmeras vezes, apenas por nos vermos, em seminários, em bancas de concursos. Em Minas, São Paulo, no Rio, em Brasília. Entre 1993 e 1994 em Brasília, quando fizemos parte da Comissão Especial de Revisão Constitucional criada pelo Presidente da República com a finalidade de identificar propostas de interesse fundamental no processo de revisão constitucional

6 Nos dois ensaios que compõem um belo livro publicado em 1978 (Ensaio sobre o Ciclo do Ouro, Imprensa Universitária da UFMG, Belo Horizonte, 1978, posteriormente ampliado e, acrescido de ilustrações, publicado sob o título Minas do Ouro e do Barroco - As Raízes Históricas da Cultura Mineira, Barlavento, Belo Horizonte, 2000) Washington ensina as lições das vilas e cidades de Minas Gerais [“a cidade mineira tem caráter”, dizia] e sobre Adam Smith e o ouro de Minas.

previsto no artigo 3º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Horas e horas de conversas. Tempo bom. Saudade.

* * *

No dia seguinte à morte de Washington escrevi, em Tiradentes, o pequeno texto que em seguida transcrevo quase literalmente.

Contemplo a linha do horizonte de repente reta, discreta. Como se estivesse em mar alto. Não existe mais, no horizonte, a serra de São José. Seu modo ser, barroco, diluiu-se. Já não se vê o horizonte que Washington nos ensinou ao nos trazer, há quarenta anos, a Tiradentes. Sua ausência transtorna o horizonte.

Ensinou-me o Direito Econômico, que um professor da Faculdade de Direito da UFMG dizia ser “o *Direito do Washington*”. Mais importante para a nossa existência, ensinou-nos a fraternidade mineira. Amigos como o professor Orlando de Carvalho e dona Lourdes, Ronaldo Cunha Campos, Ariosvaldo.

Apresentou-nos a Minas. O “*chinesismo*”, dizia, de Sabará. Congonhas. O velho Caraça. Vinha a Tiradentes com o neto, Ricardo, e um cachorro amarrado em uma corda. Um dia corremos todo São João del Rei à procura de bolinhos de feijão. As viagens com ele eram sempre longas, todos os arredores dos caminhos de Minas visitados, cada pequena história e cada desvio da História palmilhados. Sua casa, na serra de BH, um mundo que Washington inventou, no qual não alcançávamos os livros, os livros nos alcançavam.

Foi-se o nosso Amigo. Contemplo a linha do horizonte de repente reta, vazia na sua ausência, um momento depois, contudo, recomposta. À imagem e semelhança da que os emboabas e os inconfidentes divisavam, tal como ele nos ensinou. Desde o momento da sua partida, no entanto, a serra mudou, parecia não haver mais, qual na Poesia. Foi-se o Amigo que nos deu Tiradentes e Minas de presente. Há de ter sido recebido com sorrisos de afeto pelos anjos, os anjos barrocos do Washington.